

ZILPA HELENA LOVISI DE ABREU & ANNAELISE FRITZ MACHADO

zilpa.abreu@estacio.br; annaelise.machado@estacio.br

CENTRO UNIVERSITÁRIO ESTÁCIO JUIZ DE FORA, BRASIL

EDUCAÇÃO HÍBRIDA NO ENSINO SUPERIOR: POSSIBILIDADES E TENDÊNCIAS

RESUMO

Este artigo apresenta proposições sobre o conceito de ensino híbrido, suas abordagens e tendências. O ensino híbrido mescla a aprendizagem tradicional com as tecnologias digitais, personalizando o ensino para que aconteça uma aprendizagem significativa. O tema é relevante e traz embasamento para a expansão das discussões entre os conceitos do hibridismo e a sua inserção na educação superior. O ensino híbrido vem alicerçar os processos educacionais para atender os discentes e os docentes em suas necessidades específicas, implementando suas propostas no ensino superior. Como método de pesquisa, utilizou-se uma busca de referências bibliográficas que deram suporte teórico para o entendimento dos conceitos de hibridismo e sua relação com o modelo de ensino da Universidade Estácio no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino híbrido; Modelo de Ensino Estácio; processo ensino-aprendizagem; sala de aula invertida

INTRODUÇÃO

Transformar os conteúdos em saberes significativos para os alunos é um dos caminhos perseguidos por todos aqueles que almejam uma aprendizagem significativa, que faça a diferença na vida dos educandos e que estes permaneçam com os conhecimentos adquiridos para atuarem em sua vida pessoal e profissional.

Este artigo surgiu da necessidade de discutir o ensino híbrido no contexto da educação superior, uma vez que as autoras dedicam os seus estudos e pesquisas a esta área e fazem parte de uma instituição de ensino inovadora, que pensa metodologias capazes de conjugar as necessidades

do alunado atual com toda a gama existente de recursos tecnológicos e sua ação para uma aprendizagem significativa.

Segundo autores renomados, como Horn, Staker, Bacich, entre outros, que discutem o tema do ensino híbrido, esta metodologia pode trazer condições para consolidar conceitos e experiências relativas ao processo de construção do conhecimento. O hibridismo perpassa diversas faces na construção de seu modelo e tende a promover a autonomia e a responsabilidade dos principais autores envolvidos, professores e alunos, no sentido de criar meios para obter resultados significativos no processo de ensino/aprendizagem.

Os alunos do ensino superior apresentam diversidades em várias categorias: são oriundos de classes sociais menos favorecidas; frequentam salas de aulas com alunos de faixas etárias heterogêneas; possuem interesses e objetivos diversos pela busca do ensino superior; têm acesso ao universo tecnológico em diferentes níveis de conhecimentos, que são elementos de identificação híbridos para análise de estudos e a melhor concepção de modelos de ensino, capazes de atender a essas inúmeras diversidades; há, também, aquelas provindas do mercado de trabalho, cada vez mais exigente e competitivo.

Novas metodologias de ensino chegam à linha de ponta a todo tempo, trazendo inovações para alicerçar o processo de conhecer e aprender. A figura central do professor nesse processo sempre será objeto de estudos. O docente não mais detém a fonte do saber, mas, sim, se constitui como um sujeito capaz de contribuir para as interfaces entre o aluno, o conhecimento, as metodologias de ensino, as pedagogias significativas e inovadoras, envolvendo naturezas complexas sempre no sentido de gerir novas e melhores formas para ensinar e aprender.

O professor, um indivíduo social e histórico, como ressaltam Nuñez e Ramalho (2001), será fonte de pesquisa e agente de seu processo para atender com primazia os estudantes com os quais compartilha conhecimentos. Assim, os processos formativos devem dar suporte à formação continuada do educador, vista como um elemento também híbrido e não homogêneo, com o objetivo de alcançar uma aprendizagem significativa de seus alunos.

Há um olhar específico tanto para o universo docente quanto para o discente; construir modelos de ensino que possam alicerçar essas diferentes categorias a que já nos referimos é o desafio do modelo de ensino da Universidade Estácio no Brasil. Com este artigo, pretendemos contribuir para a reflexão a respeito desse modelo.

O ensino híbrido não é uma nova ferramenta de ensino; é uma concepção de que espaços e tempos, hoje, conjugam interesses e interfaces diversas. A realidade de que aprender se associa a formas de conhecer e essas formas acontecem por diversos cenários, pessoas e contextos, é o olhar de uma educação que se diz híbrida. Híbridismo não é divisão, rupturas, mas algo que soma dentro da divergência dos autores que a compõem e as modalidades de ensino.

Híbrido significa misturado, mesclado, *blended*. A educação sempre foi misturada, híbrida, sempre combinou vários espaços, tempos, atividades, metodologias, públicos. Esse processo, agora, com a mobilidade e a conectividade, é muito mais perceptível, amplo e profundo: é um ecossistema mais aberto e criativo. Podemos ensinar e aprender de inúmeras formas, em todos os momentos, em múltiplos espaços. Híbrido é um conceito rico, apropriado e complicado. Tudo pode ser misturado, combinado, e podemos, com os mesmos ingredientes, preparar diversos “pratos”, com sabores muito diferentes. (Moran, 2015, citado em Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2015, p. 26)

Assim, compreende-se que a educação híbrida é uma realidade diante do mundo atual: é uma abordagem pedagógica, um programa funcional que conjuga atividades presenciais e atividades realizadas por meio da tecnologia. Salienta Valente (2015), como citado em Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 13): “a estratégia consiste em colocar o foco do processo de aprendizagem no aluno e não mais na transmissão de informação que o professor tradicionalmente realiza”. O aluno é o responsável pela sua aprendizagem e o professor, o mediador, o consultor do aprendiz para essa aprendizagem. A sala de aula torna-se o laboratório da soma destes dois autores para tornar o processo ensino-aprendizagem significativo, real e inovador, alcançando os objetivos propostos. A sala de aula transforma-se no local das interfaces citadas acima, onde concentra o aprendizado; será o palco para a realização de novas modalidades de ensino e, ao somar sistemas presenciais com o universo online, temos o que hoje se chama de sala de aula invertida.

Bergman e Sams (2017), criadores e experientes no formato da sala de aula invertida, orientam que este processo educativo consiste na utilização de ferramentas atuais como áudio, vídeo, internet e outros recursos interativos, mesclando o ensino presencial com o virtual dentro e fora da escola, favorecendo o empenho e a participação do estudante durante os ensinamentos, o que caracteriza o modelo do ensino híbrido. De acordo

com os autores, “inverter a sala de aula tem mais a ver com certa mentalidade: a de deslocar atenção do professor para o aprendiz e para a aprendizagem” (Bergman & Sams, 2017, p. 10). Continuam, ainda: “a inversão da sala de aula estabelece um referencial que oferece aos estudantes uma educação personalizada, ajustada sob medida às suas necessidades individuais” (Bergman & Sams, 2017, p. 6).

Deixam claro os estudiosos que inverter a sala de aula muda o foco do professor como detentor do conhecimento para o aluno protagonista de sua aprendizagem, convertendo estes em “aprendizes autônomos” (Bergman & Sams, 2017, p. 10). Aqui lembramos o nosso sempre atual Paulo Freire, ao nos ensinar sobre a educação não bancária mas, sim, uma educação dialética, construída no constante ato de aprender e ensinar. Daí Bergman e Sams (2017, pp. 22-23) dizerem:

não estamos defendendo a substituição das salas de aula e dos professores de salas de aula pela instrução *on-line*. Na verdade acreditamos com convicção que a inversão da sala de aula promove a fusão ideal da instrução *on-line* e da instrução presencial, que está ficando conhecida como sala de aula “híbrida”.

Somando a essas ideias, afirmam Horn e Staker (2015, pp. 34-35):

ensino híbrido é qualquer programa educacional formal no qual um estudante aprende, pelo menos em parte, por meio do ensino *on-line*, com algum elemento de controle do estudante sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo... o estudante aprende, pelo menos em parte, em um local físico supervisionado longe de casa... e que as modalidades, ao longo do caminho de aprendizagem de cada estudante em um curso ou uma matéria, estão conectadas para fornecer uma experiência de aprendizagem integrada.

O ensino híbrido fomenta a reflexão para novas abordagens do ensinar e aprender, de tal sorte que alunos e professores implementem propostas de melhor acesso às metodologias educacionais num contexto dinâmico, heterogêneo e alimentador para estudos diversificados do processo de aprendizagem.

HIBRIDISMO EDUCACIONAL: AGENTE FACILITADOR

Dizer sobre o ensino híbrido é dizer de suas raízes na tecnologia. Como olhar o mundo sem ver o universo tecnológico, sem compreender

que a potência do mundo virtual está em toda parte? Não há como dissociar a aprendizagem do mundo tecnológico; porém, o ensino híbrido não é o uso da tecnologia por si só, mas algo programável nos contextos educacionais, como vimos em Horn e Staker (2017). Há um local físico a ser cuidado para que o estudante aprenda entre a sala de aula tradicional e o recurso tecnológico apresentado com a finalidade de somar à sua aprendizagem. Enfocam os autores que “ensino híbrido significa que os estudantes têm pelo menos um componente de escola física, longe de casa, incorporado ao seu curso” (Horn & Staker, 2017, p. 35); “os estudantes têm pelo menos algum controle sobre o tempo, o lugar, o caminho e/ou ritmo de sua aprendizagem” (Horn & Staker, 2017, p. 53), sob a tutela da tecnologia.

A inovação híbrida, nos dizeres dos autores, é uma “inovação sustentada” (Horn & Staker, 2017, p. 66) que oferece aprimoramento e melhorias importantes para os variados níveis de ensino e, dentro deles, o do ensino superior. Sustentável porque afeta “as implementações do ensino híbrido... estabelecendo melhorias no modelo estabelecido... impactando as inovações sustentadas que irão melhorar a sala de aula tradicional” (Horn & Staker, 2017, p. 67) e, conseqüentemente, enriquecendo a aprendizagem dos alunos e ampliando conhecimentos. Segundo Horn e Staker (2017, p. 10), “alguns modelos de ensino híbrido têm todos os sinais de uma inovação sustentada híbrida. Eles prometem melhorias para as salas de aulas tradicionais, mas não uma ruptura”. A inovação disruptiva é tema de um estudo mais apurado, e neste momento não é objeto de análise deste artigo.

No tocante ao conhecimento, no ensino híbrido, ele é construído pelo conjunto de seus atores de forma coletiva e individual, por meio de um ambiente que o alicerça que no caso é o ambiente escolar, de tal forma que as estruturas tecnológicas estejam aptas para contribuir para o desenvolvimento dos futuros profissionais. No ensino superior essa ferramenta torna-se um elemento de total importância, pois pode trazer ao educando uma gama de conhecimentos e de informações compartilhadas relacionadas com a sua formação inicial e conseqüentemente ser a fonte de pesquisa dos seus saberes como profissional de qualidade para o mercado de trabalho.

Aponta Silva (2015), como citado em Bacich, Tanzi Neto e Trevisani (2015, p. 143):

a tecnologia não é um instrumento.... Ela é uma interface, um novo termo criado pela informática e ao qual interação e multiplicidade são inerentes. É o encontro de duas ou

mais faces em atitude comunicacional e dialógica. É uma transição da simples transmissão unilateral das informações para um processo moldado pela interatividade, participação, intervenção e bidirecionalidade. (Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2015, p. 143)

Assim explicam os autores que, no ensino tradicional, o professor, sendo o centro das atenções, dos conhecimentos articulados por ele e com a ideia de que todos aprendem como se tivessem as mesmas habilidades, vem a tecnologia digital personalizar o ensino por meio do uso das plataformas inteligentes, também chamadas adaptativas (Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2015), pois “nessas plataformas, os estudantes aprendem fazendo e refazendo, construindo e reconstruindo conceitos” (Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2015, p. 143). Não há aqui o descarte do professor, muito menos da sala de aula tradicional. O professor é a base para a evolução e elaboração de novas buscas ao conhecimento, uma figura unitiva entre alunos, tecnologia, ideias, saberes, trocas e experiências, assim pode garantir uma integração dos aprendizados presencial e online (Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2015). No ensino híbrido, a tecnologia vem para ajudar na personalização da aprendizagem e transformar a educação massificada em uma que permita ao aluno aprender no seu ritmo e de acordo com os conhecimentos previamente adquiridos, o que também possibilita que os estudantes avancem mais rapidamente. Há momentos em que os alunos têm a liberdade de traçar a rota de conhecimento de acordo com o tema ou conteúdo definido pelo professor. Com as aulas híbridas, cada aluno aprende no seu tempo, utilizando os recursos tecnológicos para pesquisar ou consultar aquilo que lhe interessa (Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2015, p. 144).

Sob essas análises conceituais, verifica-se que um ambiente virtual de aprendizagem (AVA) possa ser um espaço de múltiplas faces, capaz de proporcionar aos alunos, sujeitos de seu aprendizado, interações variadas, como apontam os autores: “síncronas ou assíncronas, ou seja, de um-para-todos (um aviso enviado pelo tutor aos estudantes), de um-para-um (uma mensagem privada enviada a uma pessoa específica) ou de todos-para-todos, como as discussões via fórum” (Bacich, Tanzi Neto & Trevisani, 2015, p. 146).

Nesta caminhada, o ensino híbrido aporta no ensino superior, pois consegue proporcionar a ele meios de ampliar o universo de aprendizagem dos alunos, de forma a acolher as diferenças e conseguir obter melhores

resultados para um vasto número de estudantes, que exercerão as profissões por eles escolhidas.

O ensino superior pensado pela Estácio, no Brasil, cuida de fornecer melhores estratégias para atender a um público heterogêneo das mais diversas camadas sociais, mesclando possibilidades para desenvolver ideias capazes de atender aos seus estudantes. Estes trazem em sua bagagem escolar um ensino tradicional; a Estácio coloca à frente deles e de todo o *staff* escolar mecanismos de aprendizagens híbridos, para tecer junto, com aquilo que a tecnologia proporciona, aprendizagens significativas e saberes construídos, bem orientados, com uma programação própria, funcional e sustentada, para atender as diferenças no processo de ensino aprendizagem.

ENSINO HÍBRIDO: UMA PROPOSTA DA UNIVERSIDADE ESTÁCIO – BRASIL

A origem da Universidade Estácio de Sá remonta à criação dos cursos livres, no final dos anos 1960, voltada ao aperfeiçoamento e à atualização profissional dos interessados em concursos públicos. Em 1970, a recém-criada Sociedade de Ensino Superior Estácio de Sá – SESES –, sem fins lucrativos, estabeleceu-se como Mantenedora da Faculdade de Direito. Após a autorização dos cursos de Administração e Economia, em 1971, e Comunicação Social, em 1972, constituíram-se as Faculdades Integradas Estácio de Sá. Em 1988, a Estácio de Sá foi reconhecida como Universidade pelo Parecer CFE n. 1.205, homologado pela Portaria Ministerial n. 592, de 29/11/1988. O projeto, apresentado ao Conselho Federal de Educação, tinha como filosofia uma Universidade voltada para a qualidade do ensino, a profissionalização, a prestação de serviços à comunidade e o desenvolvimento da pesquisa.

Hoje, com 96 *campi* espalhados pelo vasto território brasileiro, sendo um deles o Centro Universitário Estácio Juiz de Fora, no estado de Minas Gerais, local de trabalho das pesquisadoras, o modelo de ensino da Estácio é aplicado e avaliado, bem como em todas as suas demais instituições superiores, voltado tanto para uma melhor aprendizagem de seus alunos como para aperfeiçoar a formação continuada dos seus docentes.

Ao longo dos últimos anos, a Estácio desenvolveu e vem aperfeiçoando um modelo de ensino que procura atender à diversidade de seus cursos e às diferentes necessidades acadêmico-pedagógicas de alunos e professores. O seu modelo de ensino favorece a aplicação de metodologias

e práticas pedagógicas que enriquecem o processo ensino-aprendizagem, bem como o uso de ferramentas de gestão da aprendizagem que contribuem para o acompanhamento do desempenho dos alunos.

A inovação tecnológica e metodológica também é fundamental em seu modelo, e está presente em recursos denominados como: SAVA (Sala Virtual de Aprendizagem), BdQ (Banco de Questões), produção e distribuição de Material Didático Digital gratuito, Conteúdo Interativo, Biblioteca de Aulas, entre outros.

Por meio do SAVA, o aluno e o professor contam com uma plataforma digital que permite acesso em tempo real, online, ao portal Estácio e a vários conteúdos acadêmicos e administrativos, produzidos pelos professores denominados conteudistas ou em parceria com conceituadas editoras brasileiras.

Mais recentemente, os currículos foram reformados, tendo em vista os desafios da inovação tecnológica e das metodologias ativas; a pertinência da intensificação da aprendizagem fora da sala de aula (*flipped classroom*); a eficácia da aprendizagem híbrida (*blended learning*) e a necessidade de otimização do custo docente.

Uma das ferramentas utilizadas para uma educação híbrida é o projeto de retenção “Avaliando o Aprendizado”; ele é um dos pilares do Modelo de Ensino, constituindo-se em programas que ajudam o aluno nos processos ensino-aprendizado e de avaliação da aprendizagem.

Este programa, que integra o Projeto Retenção, consiste na aplicação de exercícios (simulados) online nas disciplinas. O projeto está estruturado em quatro ciclos que ocorrem ao longo do semestre letivo. O acerto de questões nos ciclos permite que o aluno tenha o aproveitamento de até o máximo de 2,0 (dois) pontos extras na nota da AV3¹. O professor, o coordenador de curso, têm a oportunidade de acessar relatórios que informam o desempenho de seus alunos, turmas e cursos, além de identificar questões com maior ou menor índice de acerto e temas do conteúdo que precisam ser retomados ou trabalhados. Esses relatórios também permitem estudos comparativos de desempenho dos alunos e consistem em ferramentas de gestão da aprendizagem por parte dos professores.

A realização de exercícios na forma de simulados online é uma das alternativas de estudo e preparação para as avaliações presenciais, além de constituir um recurso de avaliação continuada.

¹ As disciplinas presenciais passam por três avaliações: AV1, AV2 e AV3, cuja média final para aprovação é seis.

É possível identificar no “Avaliando o Aprendizado” características de uma avaliação formativa, com seus diversos aspectos. Primeiramente, ressalta-se a dimensão diagnóstica, que permite obter informações sobre o conhecimento inicial dos alunos por meio dos simulados dos primeiros ciclos de cada semestre. Em segundo lugar, o “Avaliando o Aprendizado” é um processo dinâmico e contínuo, possibilitando acompanhar a aprendizagem do estudante e mensurar seu desempenho.

Dessa forma, este projeto de retenção configura-se como recurso para a solidificação de hábitos de estudo e desenvolvimento de habilidades metacognitivas que permitem ao estudante reflexões sobre o seu processo de aprendizagem.

O “Avaliando o Aprendizado” também é uma ferramenta fundamental para que a instituição avalie tanto o ensino-aprendizado de modo mais sistêmico como o próprio processo de avaliação.

O Material Didático, um recurso pedagógico relevante para complementação teórica dos conteúdos desenvolvidos em sala de aula, elaborado pelos professores conteudistas da Instituição de Ensino Superior, é disponibilizado no ambiente virtual do discente, como Livro Próprio. O Livro Próprio tem apresentações em Power Point padrão da disciplina, vídeo aulas, conteúdos online, além das contribuições de pesquisa e estudos adquiridos pelo docente.

Nesse contexto, sobressai o compromisso de entrega de Material Didático gratuito, que, no início, era impresso e, há pouco tempo, passou a ser totalmente digital.

As Atividades Estruturadas integram a carga horária de algumas disciplinas obrigatórias. São desenvolvidas e propostas pelos professores para serem executadas pelos alunos, individual ou coletivamente, em campo ou virtualmente, dependendo da atividade. São trabalhados temas com o objetivo de desenvolver a autonomia do aluno no seu processo formativo, assumindo a responsabilidade que lhe cabe em sua aprendizagem.

Com as Atividades Estruturadas pretende-se preparar o aluno como sujeito ativo, reflexivo, criativo, inovador, empreendedor, que tenha autonomia nos estudos. O fundamental é criar condições para que o aluno possa construir ativamente o seu próprio conhecimento. Dessa forma, a aprendizagem se dará como resultado do aprendizado ativo, com base na própria prática do sujeito e nas sucessivas mudanças provocadas pela informação gradativamente assimilada.

A metodologia de ação das atividades estruturadas visa trazer uma mudança no processo de aprendizagem, integrando sociedade – educação

– trabalho, com o planejamento de atividades que surgem das situações do próprio cotidiano social do aluno e do trabalho profissional, envolvendo participação individual e em grupo. Propostas de pesquisa e de trabalho são indicadas e mediadas pelos professores; o aluno potencializa o conhecimento acumulado e direciona os conteúdos específicos de diversas matérias aos seus próprios interesses e necessidades, tornando-se agente efetivo e corresponsável da construção de seu cabedal acadêmico.

Para tanto, as atividades devem ser estruturadas em projetos, bem como por resolução de problemas, além de pesquisas. Devem privilegiar análises, sínteses, inferências, generalizações, analogias, associações e transferências. As tarefas propostas devem constituir desafios que incitem os alunos a mobilizar seus conhecimentos, habilidades e valores.

Estes modelos de ensino híbridos desenvolvidos pela Universidade Estácio, o Avaliando o Aprendizado, o Material Didático e as Atividades Estruturadas, reforçam as pesquisas, no sentido de confirmar que a metodologia proposta pelos conceitos do hibridismo é possível e pode proporcionar aos seus envolvidos uma maior autonomia frente ao processo ensino/aprendizagem. Ela cria elos entre a sala de aula tradicional e o universo tecnológico, com uma programação funcional pertinente, possível de ser aplicada numa rede de conhecimentos e de pessoas de extrema diversidade cultural e de interesses.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação formal, palco de recorrentes debates em seus vários níveis de ensino, vive as transformações e as quebras de paradigmas sobre o processo ensino/aprendizagem. O ensino superior que abrange a formação do sujeito deve estar envolvido com as modalidades que atendam as demandas do século XXI.

A educação híbrida promove o engajamento dos estudantes com as metodologias inovadoras de aprendizagem, integrando a modalidade virtual à sala de aula tradicional. O objetivo desta pesquisa foi o de abordar a educação híbrida no ensino superior através do modelo de ensino Estácio-Brasil. Os estudos deram suporte teórico para o entendimento do conceito do ensino híbrido e sua relação ao referido modelo, observando os recursos pedagógicos implementados, que alicerçam a sala de aula invertida. Essas dimensões sustentam o processo ensino/aprendizagem, ampliando a tendência da modalidade híbrida dentro do ensino superior.

Este assunto, por trazer diversas interfaces, aponta para um cenário educacional que tende a se engajar cada vez mais com a modalidade de ensino híbrido, sendo objeto de estudos aprofundados, de forma que as bases do que for criado e implantado venham contribuir verdadeiramente para a formação consciente e significativa dos educandos.

Este assunto está, ainda, em estágio inicial de desenvolvimento; cada núcleo de ensino implantado poderá dar referências substanciais às pesquisas vindas das avaliações e observações pertinentes aos projetos desenvolvidos.

REFERÊNCIAS

- Bacich, L., Tanzi Neto, A. & Trevisani, F. de M. (Eds.) (2015). *Ensino Híbrido: personalização e Tecnologia na Educação*. Porto Alegre: Penso.
- Bergmann, J. & Sams, A. (2017). *Sala de Aula Invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem*. Rio de Janeiro: LTC/gen.
- Castro, E. A., Coelho, V., Soares, R., Sousa, L. K. S. de; Pequeno, J. O. M. & Moreira, J. R. (2015). Ensino Híbrido: desafio da contemporaneidade? *Periódico Científico Projeção e Docência*, 6(2), 47-58. Retirado de <http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/view/563/506>
- Estácio, 45 anos educando para transformar* – Projeto da Diretoria de Gente e Gestão. (2016). Juiz de Fora: [s.n.].
- Freire, P. (2002). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Horn, M. B. & Staker, H. (2015). *Blended: usando a inovação disruptiva para aprimorar a educação*. Porto Alegre: Penso.
- Projeto Pedagógico do Curso* – Pedagogia (2016). Juiz de Fora: s.e..
- Santos Jr., H. (Ed.) (2014). *Da graduação para o mercado de trabalho: caminhos para o sucesso*. Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá.

Citação:

Abreu, Z. H. L. & Machado, A. F. (2019). Educação híbrida no ensino superior: possibilidades e tendências. In M. L. Martins & I. Macedo (Eds.), *Livro de atas do III Congresso Internacional sobre Culturas: Interfaces da Lusofonia* (pp. 615-625). Braga: CECS.